

Tipografia arquitetônica que edifica memórias do centro de Aracaju

Tipografía arquitectónica que construye recuerdos del centro de Aracaju

Architectural typographies that build memories from the center of Aracaju

Germana G. Araujo, Amauri P. do Carmo Jr., Raphael Ribeiro

tipografia arquitetônica, centro histórico, estilo tipográfico

O centro de Aracaju mescla a organicidade do rio Sergipe e dos mangues com os estilos arquitetônicos diversos dos prédios comerciais e administrativos na estrutura geométrica de cidade planejada. Também abriga uma paisagem tipográfica: as letras e números que sinalizam o nome das instituições ou estabelecimentos comerciais. Este estudo, baseado em pesquisa histórica e documental, partiu da catalogação de uma amostra fotográfica da tipografia arquitetônica do centro histórico da cidade, a fim de relacionar os estilos tipográficos com os estilos arquitetônicos e analisar a relação histórica e cultural da produção de tipografia aplicada a fachadas de prédios.

tipografía arquitectónica, centro histórico, estilo tipográfico

El centro de Aracaju mezcla la naturaleza orgánica del río Sergipe y los manglares con los diversos estilos arquitectónicos de los edificios comerciales y administrativos en la estructura geométrica de una ciudad planificada. También alberga un paisaje tipográfico: las letras y números que indican el nombre de instituciones o establecimientos comerciales. Este estudio, basado en la investigación histórica y documental, se inició con la catalogación de una muestra fotográfica de la tipografía arquitectónica del centro histórico de la ciudad, con el fin de relacionar los estilos tipográficos con los estilos arquitectónicos y analizar la relación histórica y cultural de la producción de tipografía aplicada a fachadas de edificios.

architectural typography, historic center, typographic style

The center of Aracaju combines the organic nature of the Sergipe River and the mangroves with the diverse architectural styles of the commercial and administrative buildings in the geometric structure of a planned city. It also houses a typographic landscape: the letters and numbers that indicate the names of institutions or commercial establishments. This study, based on historical and documentary research, began with the cataloguing of a photographic sample of the architectural typography from the city's historic center, in order to relate the typographic styles to the architectural styles and to analyze the historical and cultural relationship of the production of typography applied to building facades.

1 Introdução

Compreender a história de Aracaju foi fundamental para o objetivo do estudo que gerou este texto, sobre a paisagem tipográfica do centro histórico da cidade. Dentro da paisagem tipográfica, analisou-se o que se denomina “tipografia arquitetônica”, referente às letras aplicadas nos edifícios públicos e comerciais do centro histórico. Produzidos em concreto ou com letras de ferro por técnica de fundição, os nomes sinalizam o que é ou a quem pertence aquele patrimônio. A curiosidade investigativa foi relacionar a diversidade de estilo arquitetônico da cidade com as características estilísticas dessas tipografias.

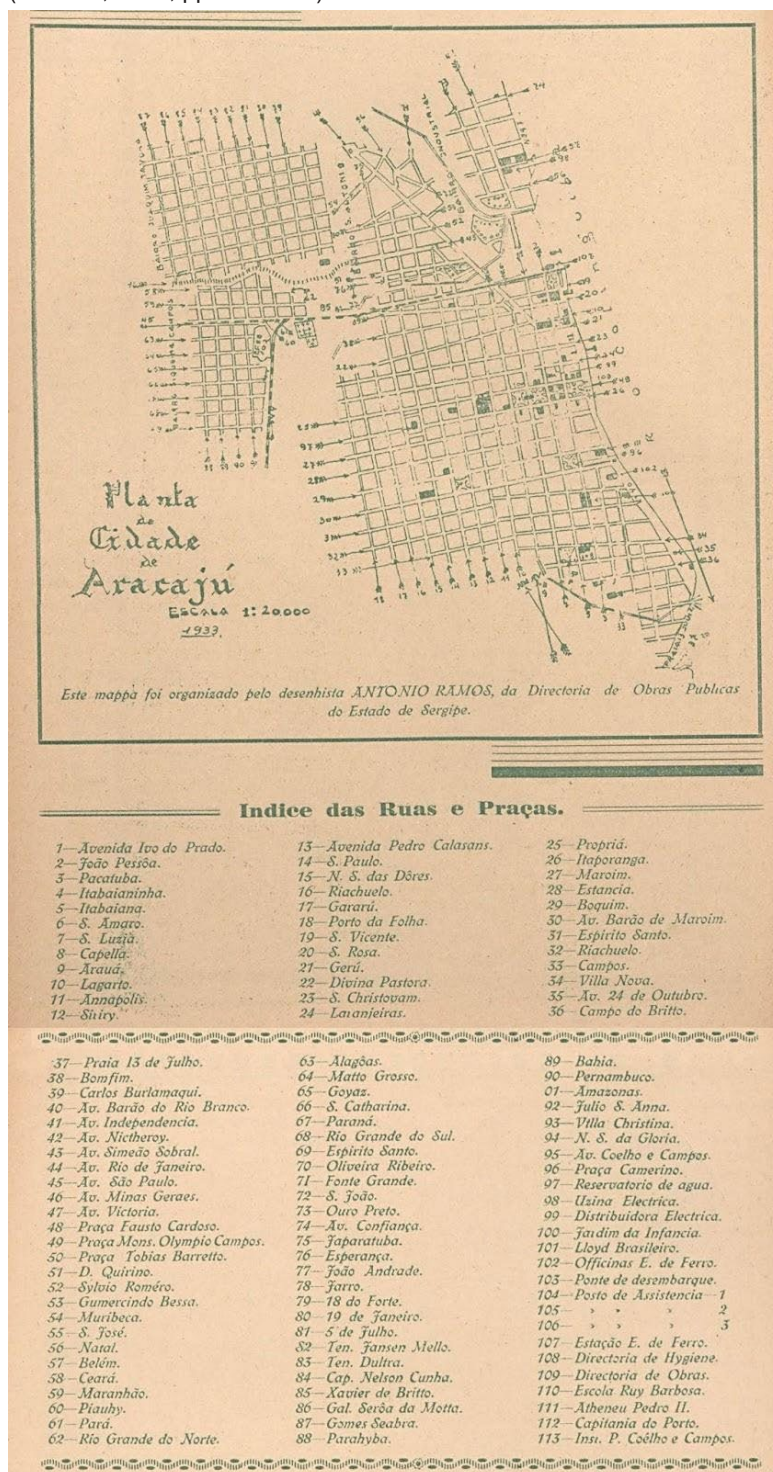
Para isso, foi necessário conhecer aspectos dos estilos da arquitetura local e as possíveis transformações sofridas com o tempo. Assim, recorreu-se a documentos oficiais, produzidos por órgãos públicos, principalmente os de instância municipal, além de textos sobre a história e a arquitetura de Aracaju. Quanto aos procedimentos, as fontes foram os estudos de Salomon (2011) e Farias (2016) acerca da tipografia arquitetônica. Como resultado, este artigo apresenta um fragmento da catalogação de tipografia aplicada em fachadas de edifícios em Aracaju, em que o estilo arquitetônico é relacionado ao estilo da letra, considerando-se princípios estilísticos da época que influenciaram a produção de letreiros no lugar estudado.

O povoado de Santo Antônio de Aracaju foi elevado a cidade com a resolução nº 413 de 1855, por Inácio Joaquim Barbosa, então presidente da província de Sergipe, e se tornou sua capital no mesmo período. Segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju: Diagnóstico Municipal (Prefeitura Municipal de Aracaju, 2015b), a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju “surge a partir da necessidade de um porto capaz de escoar as riquezas e facilitar o comércio com a província de Sergipe” (p. 5), gerando ainda autonomia do porto de Salvador, de onde era feito o comércio marítimo até então.

Segundo Silva e Nogueira (2018), Aracaju pode ser enquadrada no grupo das cidades projetadas, da mesma forma que outras surgidas na segunda metade do século XIX, como Teresina e Belo Horizonte; são “representativas de uma cultura de ‘Linha Reta’, ou do que se prefere, em arquitetura, designar de Culto à Linha” (Choay, 1997, p. 23 como citado em Silva & Nogueira, 2018, p. 15). Andar pelo centro de Aracaju é simples, principalmente pela referência do rio Sergipe, que banha toda a extensão desse miolo urbano. Sobre um desenho composto pelo cruzamento de vias que formam quadrados, o traçado retilíneo/geométrico da planta de Aracaju (figura 1) apresenta, concomitantemente, rupturas com o estilo tradicional implantado nas cidades antigas do Brasil com complemento de uma arquitetura eclética (Silva & Nogueira, 2018, p. 17).

Figura 1: Mapa de Aracaju segundo a planta hidrográfica da barra e porto de Aracaju, levantada pelo capitão do mar e guerra Francisco Calheiros da Graça, chefe interino da repartição da carta marítima

(novembro de 1894). Fonte: *Cadastro Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe* (Barretto, 1933, pp. 414–415)



Desde sua fundação, a planta da cidade teve como referência um tabuleiro de xadrez chamado “quadrado de Pirro”, em alusão ao engenheiro Basílio Pirro, responsável pela administração das obras da construção urbana de Aracaju no período inicial.

2 Procedimento de coleta e análise de dados

O termo “tipografia” aqui empregado no contexto da paisagem tipográfica do centro histórico de Aracaju, isto é, as letras presentes na visualidade dos espaços urbanos, refere-se ao significado atribuído por Farias (2016):

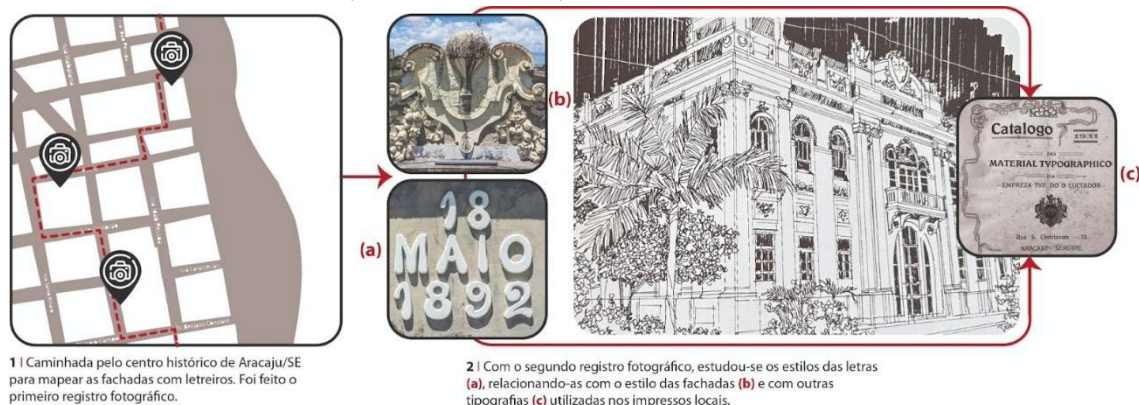
Tipografia, neste contexto, deve ser entendida em um sentido amplo, que inclui caracteres ortográficos e para-ortográficos obtidos através de processos que seriam mais bem classificados como letreiramento ou caligrafia (letras pintadas, recortadas, gravadas, fundidas, etc.) (Farias 2000), e não apenas aqueles obtidos através dos processos automatizados ou mecânicos, que caracterizam a tipografia em sentido estrito (p. 144).

A partir desse entendimento sobre a tipografia em fachadas, definiram-se as etapas da coleta de dados, descritas a seguir.

Primeiro, foi feita uma caminhada pelo centro histórico de Aracaju, compreendendo o espaço a partir de mapas da cidade, inclusive plantas mais antigas, como a reproduzida na figura 1. Apesar da diferença na estrutura urbana depois de cem anos, a experiência proporcionada pelas linhas retas do desenho das ruas do centro permanece, assim como de algumas poucas fachadas preservadas, que ainda não foram cobertas por novas estruturas comerciais. Nessa etapa, alguns registros fotográficos foram efetuados e, a partir dessa primeira catalogação, desenvolveu-se um plano para a coleta fotográfica com *drone*, equipamento para a captura da imagem no plano frontal e o registro da tipografia aplicada na fachada sem distorções.

As imagens coletadas foram organizadas em um quadro de registros. A partir disso, buscou-se estudar os estilos da arquitetura e das tipografias aplicadas nas edificações (figura 2) sob a perspectiva histórica. Uma associação relevante foi a comparação com a tipografia utilizada nos impressos no mesmo período e lugar. Vale dizer que o centro histórico de Aracaju, na primeira metade do século XX, era repleto de casas tipográficas, que imprimiam periódicos, livros e peças publicitárias; em Barretto (1933), constam anúncios publicitários de nove desses estabelecimentos. Também ficava nessa área central, desde 1926, a Escola de Aprendizizes Artífices de Sergipe (EAA-SE), onde se formavam jovens profissionais para trabalhar nas tipografias da cidade. Nessa perspectiva, um objeto relevante para o estudo foi o catálogo de tipos da casa tipográfica de “O Luctador”, de 1931.

Figura 2: Esquema do processo de coleta e análise de dados elaborado por Germana G. Araujo; fotografia: Diego de Souza; desenho: Melciades de Souza, para *Exemplares da arquitetura oficial na cidade de Aracaju (1855-1926)* (Leite & Nunes, n.d.)



3 Quadrado de Pirro: o arranjo central histórico

A arquitetura de uma cidade é composta por formas constituídas de volume e massa, em que o “volume pode ser considerado tanto como uma porção de espaço contido e definido por planos, ou por uma quantidade de espaço ocupado pela massa de um ou mais edifícios” (Ching, 1999, p. 29 como citado em Silva & Nogueira, 2018, p. 18). Já as formas, segundo Silva e Nogueira (2018), são os conjuntos de “texturas, materiais, modulações de luz e sombra, cor, que se combinam constituindo uma qualidade indelével de identidade daquela cidade” (p. 18). Ressalta-se que esses autores trabalham com o conceito de “Movimento de Massas”, que é “composto por todos os componentes da arquitetura explorados pelos arquitetos ao longo do tempo na composição natural ou artificial da paisagem” (Silva & Nogueira, 2018, p. 18).

Desse ponto de vista, compreende-se, então, que a tipografia aplicada na fachada de um prédio pode ser considerada um tipo de forma que constitui a identidade local, o que se aplica tanto aos estilos de letra quanto às tecnologias utilizadas.

Segundo Silva e Nogueira (2018), a paisagem urbana de Aracaju, diferentemente do mencionado grupo das cidades “planejadas”, “extrapola essa única condição determinista, ou seja, Aracaju modela uma diversidade na sua atmosfera urbana que inclui resíduos polifônicos de uma arquitetura representativa de vários estilos associados ao traçado ortogonal” (p. 15). Outra interferência na composição da arquitetura são o mangue e o rio Sergipe, que “cerceia e a delimita como condição geográfica” (Silva & Nogueira, 2018, p. 15).

Assim, apesar da importância da transferência da capital para o progresso da província, a construção do centro urbano, dadas as especificidades naturais, foi um desafio. O resultado foi que o traçado retilíneo, simples e geométrico, das cidades planejadas mesclou-se com uma arquitetura de estilo eclético, repleta de “enfeites” (Silva & Nogueira, 2018, p. 17). Aracaju conjuga sistemas de ideias que irão conviver com o Art Nouveau e com o Art Déco (termo que abrevia a expressão em francês *arts décoratifs*, arte decorativa em português), com contraposições da arquitetura modernista, “tornando a cidade um campo de disputas de

espacialidade em uma convivência na qual não se pode distinguir um conjunto homogêneo de estilo” (Silva & Nogueira, 2018, p. 22).

Nas edificações ecléticas, o simbolismo é bastante visto e, para “além das habituais regras decorativas classicistas”, existem os frontões triangulares e as “estrelas de cinco pontas, que representam as Casas Comerciais, localizadas sempre no tímpano triangular do frontão neoclássico da construção” (Silva & Nogueira, 2018, p. 22), como mostra a figura 3.

Figura 3: Fachada com frontão triangular e estrela de cinco pontas, fotografada por Germana G. A.; desenho: Raphael Ribeiro



Um exemplo do estilo Art Déco, frequente na arquitetura do centro de Aracaju, é o prédio hoje ocupado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na rua Itabaianinha, nº 41 (figura 4). Nesse estilo, é possível identificar “elementos ornamentais geométricos que fazem alusão a representações decorativas indígenas, como as ornamentações em formas de seta acima das janelas do Arquivo Público do Estado de Sergipe” e mesmo no nome com referência a simbologias indígenas do palácio Serigy, na praça General Valadão (Silva & Nogueira, 2018, p. 22).

Figura 4: Prédio do IHGSE, em fotografia de 1971 (acervo IGHSE); desenho: Raphael Ribeiro



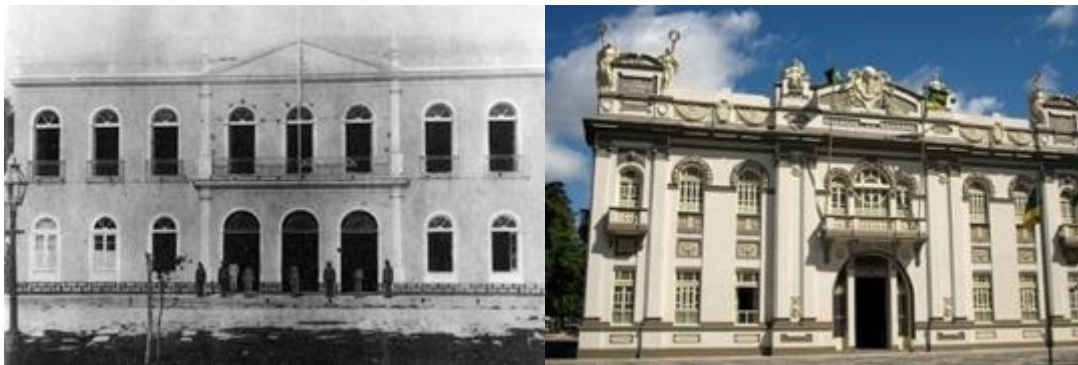
Os centros urbanos, ou seja, o local que caracterizamos como centro da cidade, vale destacar, eram o ponto mais cobiçado da cidade no final do século XIX e primeira metade do XX. Abrigavam os estabelecimentos comerciais bem-sucedidos, a igreja matriz frequentada pelas elites, os prédios da administração pública, as casas de impressão tipográfica, que tinham o poder de produzir e disseminar as informações, as escolas de porte médio-grande, os casarões das famílias mais abastadas, entre outras construções socialmente importantes. Eram o local onde a sociedade se apresentava, circulava, produzia e consumia, como um palco montado para apresentar as riquezas e o tão almejado processo de modernização. Conforme Cruz (2016), “aparatos da modernidade evidenciam os motivos que levaram a modernização das cidades e revelam o anseio de fazerem parte de uma civilização pautada em costumes refinados oriundos da Europa (mais especificamente na França)” (p. 19).

Certamente o estilo da tipografia aplicada aos prédios desse período também passou por mudanças, pois se trata de um elemento compositivo das fachadas ou vitrines socioculturais de uma localidade com poder de transmitir os anseios de uma sociedade ávida por mudanças. Deve-se ter em vista que Aracaju foi um projeto ousado de transformar um vilarejo de pescadores cercado de pântano em um grande centro urbano, a capital do estado de Sergipe.

Segundo Cruz (2016), apenas por volta de 1910 Aracaju iniciou reformas urbanas que marcaram o início de sua modernização: “o calçamento da cidade, em 1900; implantação da água encanada e bondes, em 1908; rede de esgoto e começo de drenagem, em 1913; ferrovia, em 1914; instalação da energia elétrica estatal, em 1916; e da rede de telefonia, em 1919” (p. 46). Mas é 1920 que marca a aceleração no ritmo das mudanças, exemplificadas pelo palácio sede do governo (figura 5):

Com seu estilo eclético, de influência neoclássica, o Palácio teve originalmente todas as suas paredes construídas em pedra e cal (da Cotinguiba) e com vigamento de madeira de lei e piso de largas tábuas de Jequitibá e outras madeiras, no pavimento superior. No início do século XX, o Palácio sofreu uma grande reforma, sob as referências do ecletismo europeu, que alterou significativamente sua fachada e seu interior (Palácio-Museu Olímpio Campos, n.d.)

Figura 5: Inaugurado em 1863, o Palácio Provincial passou por uma reforma no início do século XX e se tornou o Palácio Olímpio Campos; foi sede do governo do estado de Sergipe até 1995. Em 2010, tornou-se um museu. Fonte: Acervo Aglaé Fontes (autoria não identificada); Christine Hillmann (Prefeitura Municipal de Aracaju, 2015a)



Silva e Nogueira (2018) relatam que no início da década de 1920 uma expedição de mestres italianos (engenheiros, escultores, pintores e artistas), como Bellando Bellandi e Antonio Frederico Gentil, esteve em Aracaju e atuou nas reformas arquitetônicas do centro e na “alteração de várias edificações locais, os remanescentes ecléticos demonstram personalizações de uma nova clientela burguesa que se instalava na cidade” (Porto, 2011, p. 39 como citado em Silva & Nogueira, 2018, p. 31). Os autores explicam que as ruas do centro histórico carregam fortes evidências da influência italiana, o que eles caracterizam como uma espécie de “esvaziamento arquitetônico” — por se tratar de composições não originais, repletas de elementos extraídos de outras localidades, principalmente da Europa —, segundo quatro aspectos fundamentais:

- a) edificações com composições estilísticas baseadas na adoção imitativa (não original) de formas do passado, das quais se percebem predominância de formas neogregas (como os Palácios Olímpio Campos e Fausto Cardoso) e também neogóticas (como a Catedral Metropolitana);
- b) construções de historicismos tipológicos (não originais), voltadas para uma finalidade específica, como públicas, escolares, lazer, etc., que empregam o classicismo, o neobarroco e o neorrenascentismo (como os prédios da Delegacia do Ministério da Fazenda, do Palácio Inácio Barbosa, da Cúria Metropolitana, do Memorial do Poder Judiciário de Sergipe e do Batalhão da Polícia Militar, etc.);
- c) edificações de menor porte que procuram imitar as soluções empregadas nas construções monumentais ou de maior importância na cidade, ou seja, cópias de menor tamanho (originais) e que empregam ornamentações e soluções tipológicas de “neos” variados (Imóveis nas várias ruas centrais de Aracaju, como nas ruas Itabaianinha/Itabaiana e João Pessoa);
- d) edificações formadas por feições denominadas de pastiches compositivos possuidoras de grande margem de soluções inventivas, às vezes comentadas por estudiosos como de “mau gosto” e chamadas de bricolagens (Fabris, 1987, p. 15), presentes em várias ruas da área central e bairros vizinhos ao Centro (Silva & Nogueira, 2018, p. 33).

Vale explicitar que em exemplos como o do Palácio Olímpio Campos “as ornamentações posteriormente inseridas pela missão italiana ... apesar de produzir um ‘rejuvenescimento’ da edificação frente a sua forma original manteve um desalinhamento com a composição espacial retilínea” (Silva & Nogueira, 2018, p. 39). Na imagem do prédio antes da grande reforma, verifica-se que não havia letreiros na fachada. Com a exceção de um brasão inserido na triangulação central da frente do prédio, não se veem nomes ou datas. Depois da reforma, a fachada ganhou vários dizeres (figura 6).

Figura 6: Fragmentos da fachada do Palácio-Museu Olímpio Campos. Fotografias: Diego de Souza



4 A tipografia arquitetônica do centro histórico de Aracaju

Conforme Farias (2016), a paisagem tipográfica é o “quadro formado por um subconjunto dos elementos gráficos presentes no ambiente público: os caracteres que formam palavras, datas, e outras mensagens compostas por letras e números” (p. 143). A autora completa que são diversos os grupos de inserções que compõem a paisagem tipográfica, tais como:

- **Tipografia arquitetônica:** inscrições perenes, como nome e número de um prédio, geralmente planejadas e construídas com o edifício. As mais comuns são as inscrições nominativas (nome), epígrafes arquitetônicas (assinatura de arquitetos e construtores) e complementos (números, brasões, inscrições em caixa de correio, etc.);
- **Tipografia honorífica:** projetada para homenagear personagens ou fatos históricos;
- **Tipografia memorial:** inscrições fúnebres encontradas em espaços circunscritos, como lápides em igrejas ou cemitérios;
- **Tipografia de registro:** inscrições oficiais de empresas públicas ou privadas;
- **Tipografia artística:** manifestações artísticas com tipografia realizadas sob encomenda, como pinturas e esculturas em formato de letras;
- **Tipografia normativa:** presente nos sistemas reguladores e informativos do tráfego urbano, como sinais de trânsito e placas de logradouro;

- **Tipografia comercial:** inscrições efêmeras, acrescentadas posteriormente aos edifícios; tende a ser substituída periodicamente;
- **Tipografia accidental:** “inscrições não oficiais ou não autorizadas, como grafites e pichações, muitas vezes executadas sem planejamento e à revelia da vontade dos arquitetos, construtores e proprietários dos edifícios”;
- **Tipografia móvel:** tem como características comuns o suporte móvel ou as mensagens dinâmicas; mudam com o tempo (como painéis luminosos) ou de lugar na paisagem, das mais ritmadas e previsíveis até as mais aleatórias e imponderáveis (Farias, 2016, pp. 144–148).

Gouveia et al. (2007) entendem o elemento tipográfico como elemento arquitetônico e, assim, integrado à linguagem do edifício. Nessa perspectiva, é interessante pensar que a obra arquitetônica pode ser uma interface para a tipografia. Como reitera Salomon (2011), dentro da tipografia arquitetônica, a subcategoria da tipografia nominativa “tem a função de informar o nome do edifício, e ... ainda deve atender a um segundo critério, qual seja a sua localização, a fachada principal do imóvel” (p. 29), como exemplificado na figura 7.

Figura 7: Mosaico com letreiros de edificações do centro histórico de Aracaju, elaborado por Amauri P. do Carmo Jr.



Na medida em que a tipografia arquitetônica comunica e dá nome a um prédio, o estilo das letras utilizadas transfere propriedades simbólicas para a própria cultura visual da localidade e do estabelecimento público ou privado. Ou seja, os aspectos formais e estilísticos das letras são indicadores de aspectos estéticos e simbólicos do período da construção ou das reformas que alteram os estilos arquitetônicos das edificações.

Ao se andar pelas ruas do centro histórico e comercial de Aracaju, encontra-se tipografia arquitetônica de diversos tamanhos e estilos que compõe as fachadas na paisagem urbana. Esta investigação é voltada para a tipografia arquitetônica das edificações do centro histórico

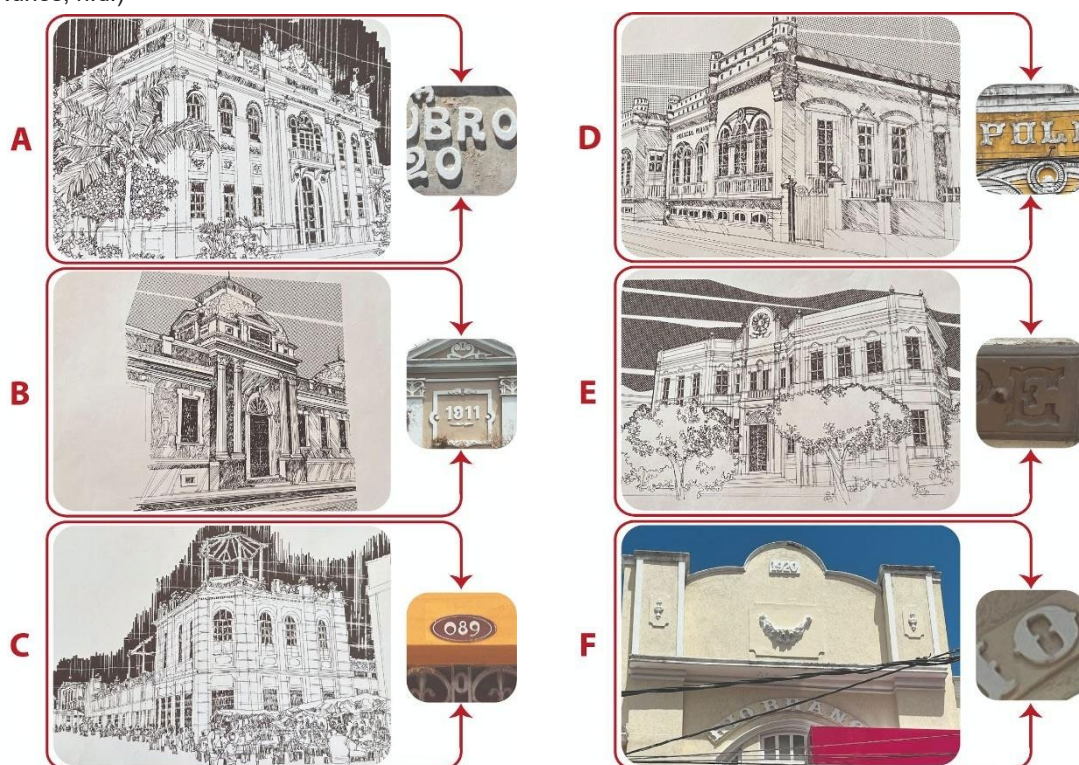
de Aracaju, no chamado Quadrado de Pirro. Foram apenas consideradas as letras empregadas em edifícios produzidas em concreto e em ferro. Aliás, as letras em metal, com poucas exceções, são confeccionadas por fundição e apresentam semelhanças no estilo em vários letreiros, aplicados em prédios que, por sua vez, não necessariamente têm a arquitetura no mesmo estilo.

5 Resultados e discussão

Ficou evidente, até aqui, que existem diversas formas de tipografia aplicadas na paisagem urbana. Podemos encontrar, por exemplo, palavras para designar os nomes de rua, números para sinalizar casas, letreiros comerciais, entre outros. A função dessa tipografia é formar uma mensagem verbal que informa, direciona, publicita, registra, ordena, coíbe, etc. Para este estudo, foi considerada a tipografia utilizada para compor indicativos de denominação ou números de prédios, sendo estes públicos ou de empresas privadas.

Para transmitir de maneira ordenada os resultados, optou-se por reunir as letras catalogadas em dois grupos, segundo características anatômicas semelhantes, com três letreiros aplicados a prédios históricos da cidade de Aracaju em cada grupo (figura 8).

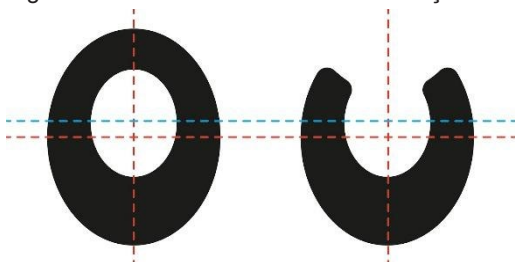
Figura 8: Infográfico com desenhos das fachadas e amostras da tipografia arquitetônica — grupo 1 (A-B-C) e grupo 2 (D-E-F). Elaboração e fotografia: Germana G. Araujo; desenho: Melcíades de Souza (Leite & Nunes, n.d.)



O grupo 1 é formado pelos letreiros de: A - Palácio-Museu Olímpio Campos, construído em 1853 e reformado na década de 1920; B - Centro de Turismo e Comercialização Artesanal, construído em 1911; e C - Mercado Municipal Antônio Franco, inaugurado em 1928.

No Palácio-Museu Olímpio Campos, encontram-se estilos distintos de tipografia aplicada na fachada após a mencionada reforma (figura 5). Percebe-se a irregularidade morfológica dos glifos que em outros suportes deveriam ser idênticos. Por exemplo, como podemos ver na figura 6, as palavras “PALÁCIO” e “GOVERNO” — em tipo serifado quadrado ou *Slab Serifs* — apresentam em sua formação duas letras “A” e três letras “O” diferentes. Pode-se conjecturar que isso resulta de uma maior intervenção da mão humana na construção do letreiro e da dispensa de moldes, os quais auxiliariam na exatidão e previsibilidade dos caracteres. Com relação aos tipos sem serifa, a inconstância permanece. No indicativo “24 DE OUTUBRO DE 1820”, o bojo da letra “O” e o do zero têm espessuras diferentes, mudando o centro geométrico da contraforma (figura 9). Ressalta-se que essa análise somente foi possível pela captura fotográfica com *drone*, pois, na perspectiva do espectador transeunte, a irregularidade dos caracteres é pouco perceptível, haja vista a distância entre o indivíduo e o letreiro. O peso irregular é verificável em outras letras e números desse grupo.

Figura 9: Estrutura da letra “O”. Elaboração: Germana G. Araujo



Já o grupo 2 é formado pelos letreiros de: D - prédio da antiga escola e atual quartel da Polícia Militar, desde 1925; E - prédio da delegacia do Ministério da Fazenda, reformado no início do século XX; e F - determinado prédio comercial. A tipografia arquitetônica desse grupo é composta pelo estilo toscano, com as serifas bifurcadas e corpo com peso expressivo, estilo usual das letras nos impressos de Sergipe, como pôde ser observado em pesquisa documental nos jornais sergipanos no começo do século XX e na oferta de seis tipos desse estilo no *Catálogo do Material Typographico da Empreza Typ. do O Luctador* (1931) para a produção de impressos. Segundo Meggs e Purvis (2009), as toscanas surgiram para transformar a comunicação impressa, por gerar desenhos de letras com fortes contrastes.

No caso do prédio do quartel da Polícia Militar de 1925 (letra D da figura 8), inicialmente construído para abrigar o Grupo Escolar General Siqueira, a arquitetura tem estilo eclético, mesclando elementos medievais e clássicos. Assim como dito da tipografia toscana, aplicada em sua fachada, a arquitetura se destaca por aparentar uma fortaleza e destoar da paisagem urbana (figura 10). As formas arredondadas da construção se relacionam com os elementos de estrutura retilínea, assim como a terminação da serifa da tipografia aplicada.

Figura 10: Detalhes da arquitetura e das letras toscanas do prédio do quartel da Polícia Militar, em Aracaju. Elaboração: Germana G. Araujo; desenho: Melcíades de Souza (Leite & Nunes, n.d.)



A miscelânea de estilos do prédio do quartel pode ser enquadrada na cultura do esvaziamento na arquitetura, conforme abordado por Silva e Nogueira (2018), por se tratar de “edificações com composições estilísticas baseadas na adoção imitativa (não original) de formas do passado” (p. 33). Nesse sentido, o uso da toscana representa uma convergência, enquanto tipografia com estilo datado de tempos anteriores ao da inauguração do prédio, depois da reforma para sediar o quartel, também como uma “forma do passado”.

A letra F do grupo 2 (figura 8) é outro exemplo desse conceito, por fazer parte das “edificações de menor porte que procuram imitar as soluções empregadas nas construções monumentais ou de maior importância na cidade” (Silva & Nogueira, 2018, p. 33).

Mais uma questão importante considerada foi a vocação informacional da tipografia aplicada aos prédios, tornando-a permanente na construção, daí a aposta na relação possível entre o estilo da letra e o estilo arquitetônico. Um exemplo é a relação da letra aplicada numa placa de ferro no atual Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) com as características do Art Déco presentes na fachada do prédio (figura 11).

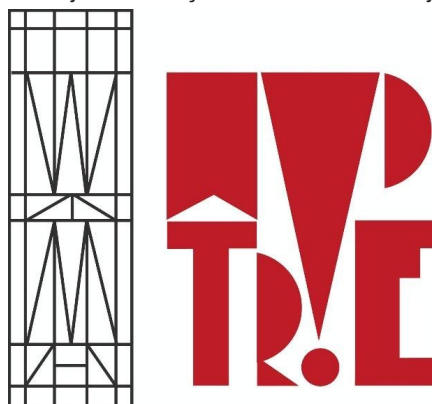
Figura 11: Fachada e tipografia arquitetônica no estilo Art Déco. Fotografia: Germana G. Araujo



O exemplo da figura 11 representa a possibilidade de coerência entre os dois elementos comparados, pois pode-se considerar que a tipografia também foi projetada no estilo Art Déco. Ou seja, podem ser verificadas na fachada e nas letras as características do estilo, tais como linhas retas e detalhes elaborados com figuras geométricas de base regular, como o círculo, o

semicírculo, o quadrado e o triângulo (figura 12). Ressalta-se que a relação do desenho do gradil com o estilo das letras da placa é uma interpretação autoral.

Figura 12: Reprodução dos detalhes do gradil e das letras no estilo Art Déco do prédio do APES, em Aracaju. Elaboração: Germana G. Araujo



6 Considerações finais

As associações possíveis entre a tipografia arquitetônica e os estilos evocados nos prédios observados em Aracaju são inúmeras. Apesar de ser um centro histórico de pequeno porte, a quantidade de ocorrências é significativa. Neste artigo, foram compartilhadas apenas algumas conjecturas oriundas dos estudos do Grupo de Pesquisa Design, Cultura e Sociedade (Design/UFS/CNPq), mas as análises não cessaram.

Como a representação do mosaico da figura 7, existem outros grupos de letreiros que reúnem tipografia no estilo Art Déco ou que apresenta a serifa quadrada, entre outros elementos de semelhança. Vale o aparte de que o movimento artístico Art Déco surgiu no início do século XX, por volta de 1920, mesmo período da *belle époque* em Aracaju, momento de grandes transformações da sociedade aracajuana, que se movia para a modernização, e das comemorações do centenário de sua independência. Por isso, esse movimento artístico é tão presente nas construções de Aracaju, pois foi utilizado na arquitetura para evocar o ideário de modernização:

Os arranha-céus eram sinônimo de modernidade e progresso, e o estilo art déco, além de sinalizar esteticamente isso, mostrou-se economicamente interessante para os empreendedores imobiliários, pois propunham uma revisão dos padrões baseados no neoclassicismo e no ecletismo, vigentes até o momento. O modelo proposto era um padrão em que, sem grandes mudanças estruturais, as formas eram simplificadas e geometrizadas, e, além de simbolizar modernidade, proporciona também rapidez e barateamento dos custos de produção. A tipografia, elemento presente na arquitetura ocidental desde o Império Romano, ganha um papel de importância, pois passa a comunicar e divulgar a modernidade, não somente no conteúdo da mensagem que carrega, mas também do significado do desenho de suas formas (D'Elboux, 2013, p. 54).

Fora o estilo utilizado para transmitir modernidade, como visto, o atual Palácio-Museu Olímpio Campos expõe três grupos de tipografia arquitetônica diferentes aplicados na década

de 1920, obedecendo a uma lógica construtiva que relacionava o poder do estado às elaborações artísticas dos arquitetos estrangeiros. A mistura de estilos ou ecletismo também interferiu no estilo da tipografia aplicada às fachadas. As inscrições “24 OUTUBRO 1820”, “18 MAIO 1892” e “LEX”, por exemplo, caracterizam-se pelas letras nos estilos grotesco ou sem serifa, já o letreiro “PALACIO DO GOVERNO” é feito com letras serifadas. Essa mistura de tipografias arquitetônicas denuncia o estilo eclético da edificação, com suas influências artísticas e ornamentais mistas aplicadas na composição da arquitetura do monumento.

Observa-se, assim, a relevância da história política, econômica e social da cidade somada às características territoriais, que determinam as condições naturais que interferem na construção arquitetônica. No caso deste estudo, dados sobre o período e as maneiras como foi levantado o centro histórico da cidade elucidaram as qualidades perceptíveis da tipografia arquitetônica da paisagem urbana de Aracaju.

Por fim, é interessante pensar que a mudança no uso do prédio, quando a construção passa a ter outra vocação, mas a fachada ainda é preservada, faz com que aspectos da materialidade arquitetônica acabem, na atualidade, despercebidos.

Caminhar pelo centro de Aracaju, mesmo em um percurso corriqueiro, com o olhar atento à tipografia arquitetônica, foi uma atividade de muitas descobertas. O centro histórico não é mais o lugar dos privilegiados. Está tomado por ruínas, e as fachadas, sobrepostas por letreiros com decorações avantajadas. Nesse cenário, é necessário ressaltar o conhecimento histórico gerado pelo processo de investigação desta pesquisa, iniciada em Sergipe pelo Grupo de Pesquisa Design, Cultura e Sociedade. As perspectivas permanecem instigantes, pois os desafios são enormes.

Referências

- Barretto, A. (1933). *Cadastro Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe*. Governo do Estado de Sergipe.
- Cruz, J. A. (2016). *Uma mão de verniz sobre o Tabuleiro de Pirro: Ecos da Belle Époque em Aracaju (1918-1926)*. [Dissertação de mestrado]. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- D’Elboux, J. R. (2013). *Tipografia como elemento arquitetônico no Art Deco paulistano: uma investigação acerca do papel da tipografia como elemento ornamental e comunicativo na arquitetura da cidade de São Paulo entre os anos de 1928 a 1954*. [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-10092013-093443/publico/DELBOUX_J_R_ME.pdf
- Empreza Typ. do O Luctador. (1931). *Catálogo do Material Typographico da Empreza Typ. do O Luctador*.
- Farias, P. L. (2016). *Estudos sobre tipografia: letras, memória gráfica e paisagem tipográfica* [Tese de livre docência]. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São

- Paulo, São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/16/tde-10032017-161946/publico/farias16estudostipografia.pdf>
- Gouveia, A. P. S., Pereira, A. L. T., Farias, P. L., & Barreiros, G. G. (2007). Paisagens tipográficas - lendo as letras nas cidades. *Infodesign*, 4(1), 1–11. https://infodesign.emnuvens.com.br/public/journals/1/No.1Vol.4-2007/ID_v4_n1_2007_1_11_Gouveia_et_al.pdf?download=1
- Leite, M. L. C., & Nunes, V. M. M. (n.d.). *Exemplares da arquitetura oficial na cidade de Aracaju (1855-1926)*. Ministério da Cultura, Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Aracaju.
- Meggs, P. B., & Purvis, A. W. (2009). *História do design gráfico*. Cosac Naify.
- Palácio-Museu Olímpio Campos. (n.d.). *O palácio*. Disponível em <https://www.palacioolimpiocampos.se.gov.br/site/palacio.jsp>
- Prefeitura Municipal de Aracaju. (2015a, 29 de abril). *Palácio Olímpio Campos (antigo Palácio do Governo, atual Palácio-Museu)*. Disponível em <https://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=64601>
- Prefeitura Municipal de Aracaju. (2015b). *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju: Diagnóstico Municipal* (Cap. IV). Disponível em <https://www.aracaju.se.gov.br/userfiles/plano-diretor-vpreliminar-jul2015/CAPITULO-IV-PATIMONIO-HISTORICO-E-CULTURAL.pdf>
- Salomon, C. A. X. (2011). *Tipografia arquitetônica nominativa carioca: um inventário da tipografia nominativa dos edifícios tombados no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro*. [Dissertação de mestrado]. Centro Universitário SENAC Campus Santo Amaro, São Paulo.
- Silva, E. D., & Nogueira, A. D. (2018). *Arquitetura aracajuana: a imposição do tempo*. Editora UFS.

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Germana G. Araujo, doutora, UFS, Brasil <germana@academico.ufs.br>

Amauri P. do Carmo Jr., graduado, UFS, Brasil <jrpereira@academico.ufs.br>

Raphael S. Ribeiro, graduado, UFS, Brasil, Brasil <raphaelsantanaribeiro@gmail.com>